

FESTAS POPULARES QUILOMBOLAS E A PANDEMIA

Stephanni Gabriella Silva Sudré¹
Silvio Lima Figueiredo²

RESUMO

Entre os muitos impedimentos de dominação e poder encontrados pelas comunidades quilombolas para a manutenção das manifestações tradicionais, a mais recente foi a pandemia. A realidade da pandemia afetou amplamente as comunidades do mundo todo, a partir de seus desdobramentos e grandes riscos a vida, contrastando com os objetivos rituais e festivos dos eventos culturais. Neste contexto, o presente estudo pretende apresentar os efeitos da pandemia nas festas populares das comunidades quilombolas do Tocantins, e para isso se dedicou a: a) identificação das festas populares quilombolas no Tocantins; b) indicar as motivações e, c) analisar os principais efeitos da pandemia. Utilizou do método e abordagem qualitativa com desenho etnográfico. Para a geração de dados foi utilizada pesquisa bibliográfica e documental, por meio de estudos publicados sobre as 44 comunidades quilombolas do Tocantins e do Calendário Estadual de Eventos Culturais do Governo do Estado. Com a observação do Festejo da Consciência Negra, na Comunidade Quilombola do Cocalinho, em Santa Fé do Araguaia (TO). Contudo, foi possível observar que as festas populares identificadas são de motivos religiosos principalmente, os Festejos de Santos Reis nas Comunidades Quilombolas: Kalunga do Mimoso (Arraias-TO e Paranã-TO); da Lagoa da Pedra (Arraias-TO) e de São José (Natividade-TO); a Festa de Rosário na comunidade da Mata Grande (Monto do Carmo-TO), a Festejo de Santas Almas Benditas no Morro São João (Santa Rosa do Tocantins-TO), o Dia de Finados na Comunidade Pé do Morro (Aragominas-TO) e a Festa do Menino Deus na comunidade de Redenção (Natividade-TO). As festas também têm pretextos culturais e de resistência étnica, como os encontros e festejos na semana da Consciência Negra, com ações de combate ao preconceito racial, reafirmação dos grupos e territórios, acompanhados de romarias e apresentações culturais: a Festa da Consciência na comunidade Malhadinha (Natividade-TO), a Festival de Música na comunidade de Cocalinho (Santa Fé do Araguaia-TO), a Festa do Congo na comunidade da Santa Rosa do Tocantins (Monte Carmo-TO) e a Festa da Consciência Negra na comunidade da Dona Jucelina (Muricilândia-TO), que ainda lembram em outros meses a temática com a Festa da Abolição em maio e o Encontro dos Griôs. As festas populares na pandemia passaram por três principais fases: cancelamento (2020), retomada gradual e virtual (2021) e retorno normalizado (2022). A conjuntura das infecções e mortes, no primeiro momento da pandemia, levou a uma série de decretos federais, estaduais e municipais, que impediram os encontros e aglomerações. Com o avanço da vacinação nas comunidades quilombolas (grupo prioritário) e a maior compreensão sobre a doença e suas sequelas, foram retomados os eventos com forte tendência da realização por salas, redes e ambientes virtuais, até em comunidades que ainda não tinham utilizados meios de comunicação *online*, como as Comunidades de Dona Jucelina, Pé do Morro e Cocalinho, no norte do Estado.

¹ Doutoranda do PPGDSTU/NAEA/UFPA; Mestre em Ciências Ambientais. Professora assistente da Universidade Federal do Norte do Tocantins. <http://lattes.cnpq.br/8872671577638597> E-mail: stephanni@uft.edu.br

² Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Professor titular do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (Mestrado e Doutorado), do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará.

Consequentemente, as festas foram obrigadas a consolidar essa tendência por mudanças comportamentais e de organização, acolhimento, divulgação entre outros, exigido na pandemia, apresentando um ponto de mudanças nas práticas culturais e nas vivências comunitárias.

PALAVRAS-CHAVE: cultura; evento; quilombola; covid-19.

